

## *João Antônio: o inédito*

Ilka Brunhilde Laurito

Corria o ano de 1959, e eu via um texto meu impresso no Boletim Bibliográfico, do Rio de Janeiro, depois de selecionado no concurso permanente de crônicas mantido pela revista. Intitulado *trânsito*, o texto, de ambiência paulistana, falava do desamor e da solidão em meio à multidão da cidade grande.

Poucos dias após a publicação, recebia eu uma carta, vinda do morro de Presidente Altino e datado de 1º de setembro, em que um leitor se dizia identificado com a temática e se apresentava a mim como aspirante a escritor:

Também acontece que sou moço e faço alguma literatura. Se é literatura mesmo, não sei. O fato é que tenho logrado ganhar alguns prêmios e tenho escrito uns troços que alguns escritores de meu convívio dizem prestar.

Foi assim que a vida de João Antônio entrou em minha vida. E foi esse o início de uma correspondência fecunda, franca, riquíssima do ponto de vista humano e literário, e que hoje, da perspectiva da morte, reconheço como indispensável para compreender e vivenciar o nascimento de um escritor e a gênese de uma obra. No caso, o João Antônio das décadas de 50 e 60, flagrador da realidade paulista urbana e suburbana.

Atenho-me, pois, neste depoimento, ao autor ainda inédito, sofrendo as inquietações, angústias e incertezas de quem, embora reconhecendo a íntima força, ainda não passara pelo rito inicial da publicação do primeiro livro, passaporte indispensável para a entrada no mundo literário. É esse jovem João Antônio que aparece autobiografado nas cartas a mim endereçadas nesse período visce-

ral de sua vida. E, em que pesem as correspondências de Monteiro Lobato e de Mário de Andrade, não conheço, na literatura brasileira, cartas que discutam com tanta paixão o processo da criação literária e a entrega à vocação e à profissão de escritor. Por isso, parece-me que, embora João Antônio, ao longo da vida, tenha sido um correspondente assíduo de vários interlocutores, suas primeiras cartas, nascidas de um autor que ainda não vira o talento reconhecido publicamente, constituem uma documentação insubstituível para a compreensão de sua obra.

Morávamos ambos na mesma cidade, mas a afinação (para usar uma de suas palavras prediletas) que me manteve ligada a João Antônio no começo de sua carreira traduziu-se muito mais pelo diálogo via correio, do que por aquele das aproximações pessoais. Era no papel — desde o de textura delicada dos blocos aéreos até o grosseiro dos embrulhos de pão — que ele se punha inteiro, como se falasse para si mesmo ou para alguém que representava, naquele momento, um público pressentido mas ainda inexistente.

Ele escrevia freqüentemente à mão, numa letra caprichada e fina, misturando, às vezes, numa mesma carta, a escrita manual e a mecânica, e preferindo a primeira — como uma vez me declarou — para ter o gosto físico de sentir as palavras saindo diretamente de seus dedos para o pouso no papel, prolongamento da ebulição artística que implodia de seu corpo.

E o que diziam essas cartas? ... Tudo. Ou seja, o João Antônio dos vinte e poucos anos nelas entregava sua vida com o desnudamento confiante de quem encontrara num alguém-mulher a possibilidade de destravar a represa de sentimentos e vivências avolumada desde a infância e que pedia ouvintes. Melhor, leitores.

Suas castas a mim são uma espécie de diário íntimo, revelando projetos, sonhos, alegrias e desesperos. E me faziam mergulhar no mundo de pessoas e personagens que o envolviam. Por intermédio delas, fui apresentada ao pai, à mãe, ao avô Virgínio, ao

irmão ainda garoto, à família toda, que lhe despertava um mar de ternuras escondidas; fiquei conhecendo os companheiros de bares e rodadas de sinuca, todos eles se virando para emergir de uma vida difícil, como aquele Gibóia, cuja história dramática ele queria contar; fui convivendo com os malandros que ele encontrava em suas aventuras andarilhas pelas ruas, becos e bocas de São Paulo; travei relações com as mulheres do meretrício, como a francesa Ivete, que o iniciara precocemente na vida sexual; e até chegava a entrever vultos dos intelectuais com quem ele ainda não se sentia completamente à vontade, como aquela desavisada romancista que, numa reunião mundana, deixou-o indignado ao lhe dizer que gostara muito dos seus “continhos”.

O que ele me dava, em verdade, era a vida de suas personagens pulsando nas cartas: criaturas humanas já fixadas em alguns primeiros contos, outras ainda a fixar e outras, ainda, sem o desenho completo mas já esboçadas na imaginação do escritor. Criaturas marginalizadas, todas elas, e que ele olhava com amor, não como um escritor de gabinete, observador isento e distanciado, mas como um companheiro, um cúmplice, um irmão de vivência e convivência.

Foi assim que eu fui apresentada, num certa dia, a Malagueta, Perus e Bacanaço, os três malandros a cujo nascimento e crescimento fui assistindo, literalmente passo a passo, nas andanças das personagens pela noite paulistana e nas pegadas que iam deixando em minhas cartas:

7 de março de 1960

— Amo. Malucamente adoro três vagabundos numa noite paulistana com suas misérias, camaradagens e um relógio de pulso. Trabalho na história de “Malagueta, Parus e Bacanaço”. Te-la-ia escrito não fora um carnaval aluado em que me meti por caso e no qual fiquei, por prazer. Não entendo a vida, Ilka, sem algum acontecimento novelesco.

[...]

É nessa batida o conto. Vai num intenso rebolado em que Bacanaço é rufião, Malagueta é um trapo e Perus, um menino. E agitam-se na noite carta de prostituição, misérias e arrelias. O drama é de Perus, coitado. Sozinho no meio dos outros,ilhado, fazendo as coisas por fazer. Bacanaço é um safado e Malagueta é um cínico. Os três vagabundos correm Lapa, Água Branca, Perdizes, cidade, Pinheiros à cata de algum dinheiro. Voltam quebrados, quebradinhos. Fizeram marmeladas pelo caminho, conluíes formaram, se bateram nos salões, brigaram nas ruas, deram pernada, cabeçada, navalhada, mas tudo valendo nada. Entra um naco de filosofia no conto e são apresentadas várias personalidades típicas da baixa malandragem — o patrão, o trouxa, o gaiato, as piranhas.

Bem. Estou falando de alguma coisa que ainda não fiz. E isto não é bom.

24 de março de 1960

— Bato-me na faina de explicar o que se passa na alma de três sujeitos que você conhece pelos nomes: Malagueta, Perus, e Bacanaço. Os safados andam inquietos na fala, nos gostos chinfrins e teimam sempre em esconder alguma coisa. Vivem fingindo e domá-los é um custo. O conto anda pela décima terceira página datilografada em papel ofício, não sei se trinta páginas darão para abrigar aquele mundo. A futura é difícil, para o malandro uma palavra tem trezentos significados, porque como nas suas outras coisas a fala prolifera negaças, manhas num intrincado rebolado. Correm por ali perto de dez personagens que aparecem e desaparecem à proporção que isto me interessa. Para que você faça uma idéia da riqueza do tema, das tantas coisas que, parece-me, preciso contar, passo-lhe um recorte do conto, história de Sorocabana, que Bacanaço relembra com o menino Perus.

[...]

Ilka, este trecho, como é natural, não é definitivo. O conto está ainda em estado de ebulição. Implorei tratamento mais rigoroso porque a forma atual não me agrada, ainda. Contudo, por este retalho, você poderá sentir o clima do trabalho. Há muitas personagens assim. Personagens de segunda plana, uns dez, que entram e saem da história. Bacalau e Sorocabana são exemplo.

O que acho do fragmento?

23 de abril de 1960

— Malagueta, meu faixa, meu velho engenhoso como encardido, para que tanto me judiar? O que, Malagueta, se esconde nesta sua cabeça, que eu não sei como conto? Que é essa ruga aí no canto da boca, Malagueta?

Ilka, este desgraçado me dá muito trabalho, arisco como ele só.

Perus é tímido, mas genioso como só ele. Coitadinho. Sempre fugindo.

Viva, Bacanaço, que é o mais fácil de todos! Cáften sem-vergonha.

Mas um pelo outro, são três terríveis. Três piranhas.

Domá-los, João Antônio, domá-los.

26 de maio de 1960

— Tanto lhe tenho falado nestes meus vadios que, a cada etapa, sinto como que um compromisso levar-lhe o resultado. Já devo aborrecê-la...

Assim lhe passo algumas fatias. São dois cortes em que, quero parecer, variei um tanto técnica e ritmo — o que é discutível. O importante é que os três estejam vivos, apesar das marés que os fustigam.

[...]

Mas é o diabo um sujeito que se mete em literatura! Inda não acabei “Malagueta, Perus e Bacanaço” e já sinto um negócio totalmente

novo começando a bulir. Mas, Ilka, foi uma história que me apanhou e me prendeu de todo.

É a muito pouco conhecida história de Gibóia. Drama de que pouco se fala mesmo na própria malandragem de baixo.

6 de junho de 1960

— Creio em *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Como em todo o que escrevi, acredito nos meus vagabundos. Mas desta vez é diferente o sentir. Às vezes, zanzando por essas ruas, nas noites de frio e de neblina de minha terra, nos trens de subúrbio ou nos velhos bondes rangedores, para os lados da Alameda Nothman e Bom Retiro, em especial, locais de meus giros silenciosos, ao ecoar maravilhoso do salto de couro de meus sapatos na calçada, eu penso. Tenho a certeza humilde, quieta e grandiosa que estou diante de uma obra de arte e minhas mãos, meu coração, meu todo pulsar de vida carregam uma enorme responsabilidade.

Muito obrigado, Ilka, por acreditar nos meus vadios.

E contente em Deus, que me deu este coração e que me tem concedido a graça de sofrer pelos caminhos que me indicou. Porque só escrevendo eu sou inteiro. Tudo é meu, então. Resta-me este grande bem — eu seria um homem que escreve ali, além, na Bahia, no Indostão. Se não escrevo eu não sou ninguém. Se não amar o que escrevo, não escrevo. É uma a minha vontade e um, o meu propósito — não permitir que nada me afaste da literatura. Nem profissão, nem mulher, nem nada. Eu sou obrigado a fazer aquilo de que gosto. E o dia em que não amar a vida, não querê-la e não retê-la, gostaria da morte. “Sem aviso prévio” — como canta Carlos Drummond de Andrade.

Terminada, finalmente, a criação da história dos três malandros, tive eu o privilégio de estar entre os seus primeiros leitores. E conhecendo *Malagueta, Perus e Bacanaço* — ainda em sua versão inicial — tive a certeza de que me achava diante de uma obra revolu-

cionária, tanto em termos de temática quanto de linguagem, na ficção brasileira contemporânea.

Versão inicial pressupõe uma outra, posterior. E esta teve de vir, à revelia do autor. Em princípios de agosto, depois de um largo silêncio, recebo um telefonema desesperado de João Antônio. Sua casa havia pegado fogo. E, junto com a perda de seus objetos queridos, seus quadros, seus livros, sua máquina de escrever, ele também perdera os originais do conto que lhe custara tantos meses de trabalho e sofrimento.

Apesar do irremediável de uma tragédia que, por extensão, também me atingia, eu lhe dei quase uma ordem ao telefone: — Você vai reescrever! Mas eu mesma não tinha a convicção, naquele momento, de que esse milagre pudesse ser possível, eu, que acompanhara o laborioso nascimento e crescimento da obra.

Ao mesmo tempo, lembrei-me de que minhas cartas continham largos trechos transcritos do conto, que ele me enviava à medida que os produzia, e que hoje podem ser preciosos para o confronto entre as duas versões.

Assim, com o empréstimo de minhas cartas e de rascunhos de posse de Caio Porfírio Carneiro — o amigo a quem ele também confiava seus originais —, mais a prodigiosa memória que o fazia saber de cor trechos e trechos de uma história com a qual convivera intimamente nos últimos meses, João Antônio entregou-se ao árduo trabalho de reelaborar o conto incinerado. Para tanto, ele conseguiu uma sala na Biblioteca Municipal de São Paulo, na qual se trancafiou com Malagueta, Perus e Bacanaço, iniciando um processo provavelmente mais estafante e difícil que o da primeira gestação do conto.

As cartas de setembro, um mês depois da tragédia de 12 de agosto — mostram que ele conseguira renascer das cinzas. E que está novamente entranhadamente imerso em sua paixão, vivendo novamente a vida de seus três amados malandros. E, num teste-

munho inédito, elabora um verdadeiro tratado de sinuca que me envia — para satisfazer a uma curiosidade minha — em duas cartas subseqüentes. Mais tarde, ele me pediria cópia dessas cartas de 13 e 15 de setembro de 1960 a fim de, por solicitação de Aurélio Buarque de Holanda, fornecer subsídios para os trabalhos do lexicógrafo.

São Paulo, 13 de setembro de 1960. Três da tarde.

Ilka,

Hoje aconteceu gripe em metade dos homens da Pettinati.

Cronos paulistano anda louco, ou seja, o tempo virou.

Eu, Charle Mansur, Onofre Pettinati e um contador japonês sobramos como semente na agência deserta.

Charle arrumou a gravata, fêz uma telefonada e sumiu com seus contatos. Talvez tenha sumido para outra que não a publicidade. Não me interessa. O contador japonês grama numa máquina de somar, longe de mim, graças a Deus. Máquina de somar dá arrepio. Onofre Pettinati discute autorizações de anúncios e eu fiquei, só, na sala minha, sem anúncios.

Por isso, peguei papel, datilografei aquela carta da madrugada.

Aqui reitero meu pedido — faça com que sofra menos.

Aqui reitero meu pedido — faça com que sofra menos.

Agora, vou lhe contar o que é sinuca. Escreverei porque gosto de sinuca e porque notei, pelo nosso último gancho (telefonada), que você anda interessada. Pois receba tudo no clima e na fala dela mesma:

A sinuca é uma porca invenção do diabo. Um joguinho encabuloso. É um joguinho ladrão. A sinuca se faz numa mesa, a que chamamos bigorna, campo, gramado, cancha. E mesa se situa num salão chamado boca do inferno, boca quente, boca pesada, poço ou simplesmente boca. Boca, na gíria de baixo, quer dizer local de virações, a-



trapalhadas, tramóias, prostituição, e outros que tais mais ou menos decentes ou indecentes. Tudo na desonesta, na malandra.

Na mesa circulam as bolas. Os caroços, como as chamamos. As bolas são: branca, a principal, a dolorosa, a mãe de todos, porque com ela se faz tôdas as tacadas, que são as jogadas. A gente pega no taco e atira a branca noutra bola. E se a bola cair dentro da caçapa — buraco lateral da mesa, há seis buracos — a gente faz pontos e tem direito natural de outra tacada. Bem. A branca não pode cair. Aí, a fatalidade inicial da sinuca. A branca sempre tende a cair, a morfética. Sempre tende e teima em nos enviar lá para a casa onde o diabo costuma morar. O diabo é o cão.

A mesa é verde. Os tacos são amarelados como a pele dos jogadores. O taco tem a cabeça que é de sola e é azul, porque a gente esfrega-lhe bastante giz azul, para não encrascar a tacada. Para não espirrar, como se diz. Há ainda o giz branco, que serve para se esfregar no corpo do taco, que assim êle não escorrega na mão suada do jogador.

Há as bolas: vermelha vale um ponto; amarela vale dois; verde vale três; marrom vale quatro; azul vale cinco (é a bola central da mesa, excelente para a construção de jogadas legais — jogadas boas); rosa vale seis; preta vale sete. Nós nos acostumamos a chamá-las: *a um* (vermelha), *a dois* (amarela), *a três* (verde), *a quatro* (marrom), *a cinco* (azul), *a seis* (rosa) *a sete* (preta). Mora? Pois.

Nenhum jogador de sinuca gosta de sinuca. Destesta sinuca, abomina, tem nojo. Frases assim:

— Jogo morfético!

— Joguinho encabuloso, me invoca! (invocar é chatear, aborrecer, aporrinhar)

— Joguinho filho da (desta e daquela)

Os jogadores de sinuca são vagabundos em geral e vagabundos em particular. Vagabundos em geral são aqueles que não têm viração nenhuma além da sinuca (são os melhores jogadores, são os maiores, os cobras, os can-cans). Vagabundos em particular são os caftens, os chur-

readores (batedores de carteira), os aplicadores de contos (os vigários), e os tiras em geral. Tira é bicho nojento. O malandro soube denominá-lo com precisão e justeza — rato. Rato é perfeito. Vive num esgoto se alimentando de arregos, impostos que os malandros e vagabundos dão aos tiras para poder viver em liberdade com a justa (polícia).

Há uma diferença entre vagabundo e malandro. Uma diferença muito grande. Malandro é o que se vira. Vagabundo é o que simplesmente vagabundeia. Ambos vagabundeiam.

Há muitas modalidades de jogador de sinuca. Há uma incrível e ilimitada variedade de viradores de sinuca.

Ilka, não esqueça que sinuca é um mundo muito mais que fabuloso e muito mais ainda que tenebroso.

Voltando, direi: há o jogador que joga com o seu dinheiro; há o patrão, que dá dinheiro para o jogador jogar e depois dividem os lucros (se o jogador perder, só ele levará prejuízo); há o sapo — simples curioso de jogo, que às vezes joga também, mas que na maioria das mãos (vezes) só enche, é o protótipo do chato, odiado por todos pelo seguinte: não é trouxa nem malandro. Há o apostador, que fica à beira da mesa fazendo apostas pules neste ou naquele e fica torcendo feito um morto de fome, torce que dá raiva e tensão. Há o sócio, que entra com algum dinheiro e fica com seus direitos a ganhar ou perder — é outro desesperado. Há o taco — jogador bom. Há o bocó, o trouxa, o marreco, o pangaré, o galo cego, que é o otário.

Há ainda um tipo curioso pela sua intensidade. É o inveterado. Não é trouxa, nem malandro, nem nada. O inveterado é o inveterado. Um sujeito que não pode ficar sem jogo. Fica desesperado no salão. Precisa jogar. Jogar por jogar, dias inteiros e madrugadas também, jogar, jogar, com todos e com tudo até ficar teso, leso, lesado, duro, durinho, quebrado, quebradinho, torto, vida torta, desempregado, isto é: sem dinheiro.

Prossigo a mão, que a máquina encrencou e não quero perder tempo. Ou melhor, não quero perder o embalo gostoso. Você me entende, não?

Poucos tipos gostam de jogar, o que eu já disse. Conheci, Ilka, apenas três jogadores que gostavam do joguinho. Três raros. Moscas brancas. Pela qualidade de jogo: Tcheska (húngaro); Tico (brasileiro, vendedor); e Brama (inspetor de vendas). Trabalhadores, casados, bonitos, sérios. Viciados, também. Esses tipos gostam mais de jogar para assistência do que para eles mesmos. São meticulosos, desenvolvem um estilo de jogo, aperfeiçoam-se em efeitos, colocações da branca. São destemidos, orgulhosos, vaidosos. Só vão ao salão com gravata nova e colarinho limpo, à semelhança dos caftens em geral, que são vaidosos — cheios de anéis, mãos manicuradas, bigodes tratados, gravatas novas, sapatos atuais e lenço no bolsinho dos paletós vistosos. Pavões, é o termo.

Vogam noites inteiras e não fazem trapaça. Têm, mantêm uma linha de conduta. Fibra, capricho, estilo. Os malandros os consideram.

Amam a sinuca, essa porcaria.

Na sinuca toda atenção é nada. Nada, nada e poderá parecer exagero. Mas a tensão exigida mata a atenção exigida pelo jogo. O joguinho é difícil.

O jogo é triste. Doloroso entrar pela noite com ele, suportá-lo, dirigí-lo. Não há jogador que domine a mesa. As bolas enganam, a mesa esfalfa. Suor.

Outra sujeito — o jogo a dinheiro é, teoricamente, proibido. Mas a verdade é que até os policiais o jogam. São grandes viviados, aliás. A maioria dos tiras — especialmente os que trabalham no Departamento de Costumes — são caftens. É a verdade. Uns cachorros.

E com a extinção da zona de meretrício em 53-54, a cidade de São Paulo é um nojo. E os tiras comandam a prostituição. Os ratos.

Há várias modalidades de jogo de sinuca. Os jogadores inventam e tornam a inventar. A maior modalidade é a sinuca, em que se joga

naturalmente, sem muita tatuagem, como diz o malandro. Depois, vem o vinte-e-um. O vinte-e-um exige muita habilidade e permite dissimulada ou trapaça. Jogo que pode envolver quantos homens a roda quiser, há mãos em que, a roda reúne dez homens. O vinte-e-um rende bem. Cada cabeça vale cinqüenta, com ou centro e cinqüenta, ou duzentos cruzeiros. Há o jogo de vida, de que falo e que faço aparecer em *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

Vida, sinuca e vinte-e-um são joguinhos mais correntes. No primeiro, a maior picardia que se pede do jogador é a amarração. Ilka é amarração. Um amarrador é um parceiro que sabe prender o jôgo, sabe guardar-se. “A vida é o joguinho mais ladrão de quantos há na sinuca” — escrevi em *Malagueta, Perus e Bacanaço*. E é. Ali é só marmelo. Um bolo de vida ascende a três, quatro contos de réis, por baixo, baixo. Sinuca exige as duas habilidades: amarrar bem e atirar bem. Atirar quer dizer atirar-se, sabe? Um atirador é que se joga ao jogo com fome das balas. Vai metendo os caroços pra dentro das caçapas, faz pontos, dá tacadas de macho. Mas há uma dificuldade — muito dificilmente um jogador é bom atirador e bom amarrador. Fica num dos pólos, sabe? É uma tendência, vocação pura ser atirador ou amarrador. O amarrador é jogador melhor, no achar deste aqui. O amarrador tem mais fibra e mais paciência. Os velhos, na maioria, são amarradores. Os moços, pela firmeza dos punhos e bons olhos são os bons atiradores. Mas não é o figurino. Há variações.

À sinuca pode-se aplicar um verso de Noel: “Quem acha vive se perdendo”. Ninguém leva a boa. Todos vivem de ilusão. O jôgo castiga, castiga sempre. Não há nada como o jogo para castigar. O castigo nem a cavalo. Ou nem por via aérea — o que é a mesma coisa.

Jogador de sinuca é sujeito muito sério, analfabeto, abspinhado, mandão. Um sofredor.

Nas bocas do inferno, nas bigornas, se fala uma língua nova sempre velha àqueles ambientes. Palavrão, perífrase, gesticulação de gringo. Mãos no ar, estalos com os dedos. A língua é outra que a gíria

das ruas, dos prostíbulos, dos malandros de turfe. Enfim, tudo ali é diferente.

Os homens correm atrás das bolas que correm atrás das caças-pas.

Quando um jogador perde tudo o que tem, o ganhador lhe dá uma gratificação, uma colher de chá, a *estia*. Dez por cento sobre o que ganhou. O ganhador paga o tempo ao dono do salão.

Ilka, há outras coisas de que não me lembro, agora. Manhas do joguinho. Nos contos, eu me lembro. Deixa estar...

Amanhã, continuo.

São Paulo, 15 de setembro de 1960.

Torno hoje, que é outro dia e que a máquina resolveu andar.

Esta carta há de ser longa, porque o assunto é longo.

O malandro de sinuca põe apelido em tudo o que vê. E, por exemplo, quando um sujeito não presta êle charla:

— Safado ali é apelido.

Assim, assim. Quando quer falar difícil, isto é, direitinho, ele usa lugares comuns e linguagem meio judicial. Coisas assim: “Vamos entrar em entendimento”. “Isto aqui exige o meu comparecimento”. “Imediatamente logo após”. “Evidentemente”. “A posição social do indivíduo”. Horríveis.

O malandro fala cantado, na sua gíngua de malandro.

Curiosidade maior são os apelidos que o malandro jogou por cima das células. É genial, é grandiosa a colocação:

Hum mil cruzeiros - girau, cabralina ou nota de conto

Quinhentos cruzeiros - quina ou meio girau

Trezentos cruzeiros - três pernas

Quatrocentos cruzeiros - quatro pernas

Duzentos cruzeiros - duque ou duas pernas

Cem cruzeiros	- uma perna ou gambeta
Cinqüenta cruzeiros	- um galo ( <i>es-pe-ta-cu-lar</i> )
Vinte cruzeiros	- um peru
Dez cruzeiros	- um coelho
Dois cruzeiros	- um cão
Um cruzeiro	- dois malandros, dois malandrinhos
Dinheiro miúdo	- uma malandro, um malandrinho
Dinheiro miúdo roto	- pixulé ou pixo
Pouco dinheiro	- dinheiro imundo
Muito dinheiro, fortuna, boa quantia	- balança

Esta classificação, aparentemente difícil, é usada freqüentemente. E é válida para toda a malandragem baixa e alta. Cáftens, churreadores, prostitutas, camelôs, cambistas, todos a consagram.

Quando o malandro empresta dinheiro, assim fala:

— Me faz um vale, meu.

Quando dá, diz:

— leva e traz.

A gíria muita varia. Na Casa de Detenção cigarro é gis, na Rua dos Andradas cigarros é crivo.

O último nome que deram à maconha - chá.

Infinita a variação de nomes, cognomes, apelidos.

Sapato é breque e pisante. Terno é beca ou duana. Vestido também é duana. Bacana é homem ou mulher bem vestidos. Pé-de-chinelo é malandro muito rampeiro. Malandro é vagabundo de linha.

Nada se confunde, entretanto. Os malandros valorizam as palavras.

Num salão de sinuca todos têm apelido. Alguns são pitorescos, exprimem uma idéia, outros simplesmente advêm de um fato obscuro. Alguns: Pisa Macio, Carne Frita, Mãozinha, Taquara, Ferroada, Lasca-do, Biguá. Aqui e ali, repetem-se apelidos.

Há os bárbaros. São os grandes tacos, os cobras do joguinho, razões das grandes partidas caras. O maior taco carioca é Lincoln, vagabundo da Lapa, que puxou algum tempo de cadeia. Funciona na Lapa, sob os Arcos, numa rua onde há dezessete cabarés e dezessete bigornas. Sôbre cada cabaré há um salão, que é sobreado. Há Caloi, Nenê (não é vagabundo), Paraná e Ceará em São Paulo. Caloi já esteve no Juqueri por causa da sinuca. Nenê é ainda mocinho, pivete e modelo, porque é novo e bonito. É um perigoso, dá trabalho, enerva um santo. Nenê se dá comigo. Paraná não vale o ar que respira, cinco anos na Casa de Detenção, uns quinze processos no lombo. Ceará é o maior marmeleiro de São Paulo, feio como uma briga de foice no escuro. Ficou rico, sabe? É. Catou um patrão caro, saiu com ele pelo Brasil a catar jogo caro. Deu sorte, se arrumou na vida. Hoje tem um caranga (carro particular) e conta no banco. Viva ele, o safado! Itapevi, o grande Itapevi. Moço, loiro, alto, gordo, educadíssimo como moça. O único em São Paulo que enfrenta Carne Frita com apenas dez pontos na bola dois, isto é, leva pequeníssima vantagem de saída. Enfrenta. Vai lá ao fogo do jogo e Carne Frita, se não quiser perder, que não vacile.

Carne Frita é o maior taco do Brasil. Homem-lenda, bárbaro, atirador, mora com o diabo, não é o diabo que mora com ele — na expressão malandra. Começa e termina a partida sem o adversário pegar no taco para se defender. É praticamente o papa da sinuca. Ou o é totalmente. Tem patrões caríssimos, até donos de cavalos apostam nele e dão-lhe dinheiro para jogar. Seu dinheiro no bôlso varia entre vinte e cem contos de réis. Anda com dois guarda-costas. Dois negros patoludos, que sabem tudo sobre jiu-jitsu, box, capoeira e que tais. Nunca abotoa o cordão dos sapatos. Magro, pequeno, parece um menino. Fala baixo, fino, firme. Não ri, não canta, fuma bastante. Quietos. Até exibição na televisão já fez. Não tem amiga fixa (mulher alguma lhe daria dinheiro suficiente). Carne Frita, o maior taco do Brasil, quando se morde num jogo, não acredita naquele jogo. Perde o que tem e o que amigos e apostadores têm. Perde tudo, tudo, tudinho. Fica quebrado, feito mar-

telo sem cabo. Nenê já lhe estraçalhou em cento e vinte mil cruzeiros. Nenê deu quase com o lombo na cadeia por causa da façanha.

Nenê conta isto devagar, rindo.

— Ele não é Deus.

Há tacos menores, muito considerados, cobras de outros lados. Vão firmes também, correm direitinho, portam-se como relógios. A Lapa tem Tcheska, Brama, tem Danilo, Luisinho, Amadeu, Bola Livre. Esse Bola Livre é um dos sujeitos mais manhosos que já conheci. Cá entre nós, Ilka, que ninguém nos lê, dir-lhe-ei que Bola Livre é o Tiririca de “Meninão do Caixote”. Com a diferença de que Bola Livre é loiro como um ariano e Tiririca, eu o fiz de barro mulato. No fundo são os mesmos. Porque até poceiro, Bola Livre é. É.

Quase todo malandro tem mulher. Mina, como chamam as mulheres. Mina, porque mulher deve dar algum dinheiro — é a mentalidade predominante. Mulher que não dá dinheiro, quer enganar a gente, com certeza. Mulher há de vir com dinheiro. Há de ser prostituta, está visto. Então, o malandro a chama de “minha preta”, ou preta, simplesmente, ou ainda pretinha.

Mulher de malandro, coitada, apanha como que. Mas do seu homem, que venha tudo, até pancada é carinho. São doidas pelo seu homem, a que chamam “meu marido”, “meu esposo”. Essas questões de amigações são um casos bem mais sérios do que se possa imaginar. Dá briga, dá morte, dá gente castrada até. Cautela com mina dos outros.

Na sinuca, via de regra, o malandro perde o que sua mina ganhou na cama. A sinuca é muito mais mulher que a sua mina e ela sabe, mas não sabe lhe resistir. Entrega-se gostoso, apaixonado:

— Eu não quero nem saber se estou certo ou errado. Vai prá cabeça!

Ceguei a planificar e até a esboçar um livro sobre sinuca. O nome seria *sinuca*; e teria uma longa entrada.



Cá na Pettinati estava essa entrada (introdução, didicatórias, etc.) no dia 12 de agosto, dia do incêndio que queimou “Malagueta, Perus e Bacanaço”.

A entrada era a seguinte:

*s i n u c a*

(p. 1)

João Antônio

(p. 2)

— uma definição —

A mesa é triste, dolorida como uma branca que cai.

(frase de Bastião numa noite da Lapa em São Paulo)

(p. 3)

— dedicatória —

À picardia e também à lealdade

de jogo

do

muito considerado mestre

C A R N E F R I T A

professor de encabulação e desacato

e

cobra de maior taco dos últimos anos

consagro

muito humildamente

estas histórias curtas

(p. 4)

— apresentação —

Correm aqui

os que vivem da mesa,

os vadios que dormem nos bancos dos salões e curtem fome  
quietamente,

os que jogam mas têm lá uma profissão

os trouxas em geral,

os trouxas em especial,  
correm patrões, correm sócios, correm também patroados,  
como correm os que não param o jogo beliscados,  
como correm aquêles parceirinhos que juram mil vezes que não  
pegarão mais no taco, não pegarão mais, não pegarão. Mas acabam pe-  
gando.

Amarelos, amarelos, correm aqui com os olhos lá no fundo das  
caras.

Aqui vão os meninos, coitadinhos. Vão os velhos e os moci-  
nhos.

Enfim, desgraçadamente correm os homens atrás das bolas,  
que correm atrás das caçapas.

E a cada uma das pequenas coisas que compõem a vida, maldade,  
poesia e paixão do joguinho, eu dedico uma história.

(a seguir, vêm as dedicatórias para cada uma história curta)

1) À bola branca,

que é base e é todo o sistema do joguinho. Caroço que empurra  
os outros, e traz consigo o castigo que vem montado a cavalo.

2) Ao giz,

que quando branco não deixar escorregar, que quando azul não  
deixa espirrar, e que ajuda o taco a empurrar as bolas. E sem o qual, o  
taco espirra e o homem encabula.

3) Ao *snooker*,

também chamado sinuca ou espeto. Combinação difícil de fazer  
e mais difícil de desfazer, e que faz a beleza, paixão e desespero das  
grandes partidas caras.

4) À marca,

chamada também marcador, e onde se registra em pontos a pi-  
cardia e raça do jogador.

5) Ao taco,

que pode não parecer, mas influi muito.

6) À caçapa,  
onde, às vezes, se guarda o dinheiro. E que engole as bolas, ou as *devolve para a boca*. (Ilka, só um jogador poderá entender o sublinhado).

7) Aos bicos da caçapa,

luz

esperança

dúvida

e

tensão

das grandes tacadas.

8) Ao golpe dos vinte,

fabuloso recurso numa partida séria. Com ele se ganha tudo ou se perde. Tudo.

9) À estia

pitoresco consolo em dinheiro que o ganhador dá ao perdedor.

Representa dez por cento daquilo que se perdeu.

10) À bola sete,

que é o mais fatídico caroço, o preto, azarado e de muito valor, que dura até o fim, que resiste e que persiste, e que pode dar

sete,

quatorze

ou vinte e um.

11) À mesa,

chamada também - campo,

bigorna,

gramado,

trabalho...

Bigorna, porque nela por mais que se faça nunca se faz.

12) À assistência,

besta composta de muitas cabeças,

que não sabe e pensa que sabe,

que ri à toda,  
que fala à toa,  
que torce à toda,  
e que só atrapalha o joguinho.

Estas, Ilka, as dedicatórias. A continuar, um esboçinho com sugestões para ilustrações:

*s i n u c a*

(Capa. A bola branca sozinha na mesma. A mesa é vista de cima).

O livro se dividiria em três partes: *Meninos*, *Homens* e *Velhos*.

*Meninos*

Frio — As mãos de Paraná posadas nas costas do menino.

Meninão do Caixote — O braço muito magro de Vitorino para o alto, estalando dedos.

Patroando Paraná — Um caixa de engraxate. Simplesmente.

Pixulé caquerado — uma nota de um cruzeiro toda rasgada.

*Homens*

Malagueta, Perus e Bacanaço (A mesa vazia - nem taco, nem bolas - e os três rostos pairando no pano verde. Três caras sonhadoras)

Vitória (O Moço beijando a prostituta branca, na boca. Importante a perspectiva do corredor apertado em contraposição ao prédio muito alto e todo iluminado).

Visita (A silhueta meio apagada do moço na várzea. Solidão. E luz ao longe, muitas luzes, a vila, luzes da serraria).

*Velhos*

Emiliano de Milca (Rostos admirados em primeiro plano. Todos boquiabertos - estão assistindo às demonstrações de Emiliano. Se possível, só aparecer expressões admiradas. Só).

Vitorino (um garrafa)

Aí, em cima, você vê o que foi e não é mais *Sinnuca*.

Outras idéias vieram-me atropelar a primeira, que era tão gostosa, sabe? Ali eu me movia à vontade, como se estivesse em casa de *short*, fumando e bebendo café examinando um giz americano azul, que eu sempre carregada comigo, em tempos que joguei. Guardei-o sempre. O incêndio o queimou.

Tinha um rótulo. Um *boxer* colorido. Bonito, másculo, enorme, língua de fora.

Desculpe se me estendi, mas amei de verdade meus vagabundos.

Escreva-me, um dia, o que acha disto tudo.

Eu lhe passei tudo isto não sei por que exatamente. Muitas coisas, muitos motivos. Não?

Receba desta vez, o último abraço destas cartas....

Durante o segundo semestre de 60, o ano de 61 inteiro e o início de 62, a história de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* vai sendo lentamente, sofridamente, mas firmemente reelaborada. E as cartas desse período são um novo diário das andanças do autor e de suas personagens, o itinerário de um caminho interior e o roteiro de um trabalho.

Nelas, momentos de depressão sucedem-se a momentos de euforia, a insegurança quanto ao fato de não ter ainda o talento reconhecido publicamente alterna-se com a certeza indestrutível da vocação de escritor. E a entrega total à criação e recriação literária é permeada da tristeza das perdas sofridas no incêndio de 12 de agosto de 1960.

*31 de outubro de 1960 - Grande porcaria é esta vida.*

*Talvez Malagueta dissesse que quando morremos é a maior colher de chá que Deus nos dá.*

*Abandono. Abandono-me. Transito, vadia, perambulo, escorrego para as beiradas da Luz.*

*A idéia besta de visitar a Casa de Detenção em Finados desaparece com a visão da velha igreja, onde entro, não faço meu pelo sinal, sento-me. Como se fora em banco de jardim. Fecho os olhos.*

*Outra idéia besta. Como seria se eu ficasse cego duma hora para outra? Pediria esmolas à porta da igreja, dormiria no banco da praça, ficaria contente com o sol me batendo na cara, sorriria ao canto variado dos passarinhos?*

*Atmosfera gótica da igreja me dá calma. Quinze minutos, meia hora ou uma hora. Não tenho relógio, felizmente.*

*24 de janeiro de 1961*

*— Estou bem. No domingo, gramei sete horas sobre o papel e “Malaguetta, Perus e Bacanaço” vai surgindo, escavado. Vou-lhe também impregnando de coisas novas e as cartas que você me devolveu ajudam-me bastante, devolvem-me realmente alguma coisa. Tudo ajuda quando a gente se ajuda.*

*Trabalhando. Já descobri ou redescobri pela décima vez que se me vem alguma alegria nesta vida tonta, vem da literatura.*

*Não negarei que sofro. Tristezas nestes últimos dias. Fácil ver que não sou ninguém como é fácil ver que sou um privilegiado. Escrever é lindo e se nos custa, muita recompensa vem. Escrever é um dom, Ilka. Não é privilégio? Machuca, arre-benta, me larga quase chorando. Mas fico inteiro.*

*13 de setembro de 1961*

*— Entendi o que é um livro quando Caio Porfírio Carneiro publicou o dele. Um livro pronto. Tudo o que dele já conhecíamos toma de repete uma importante e doce dignidade. Creio que com os contos este fenômeno se faz sentir muito mais claro e forte.*

*Um conto no jornal ou na revista é um conto no jornal ou na revista. Um valor isolado. Por melhor que apareça, aparece mutilado. No livro, o conto pesa. Toma tamanho, que a coisa agora é bem mais séria.*

*Livro, Ilka, é coisa que comove.*

27 de janeiro de 1962

— Noite e um escritor escreve. Entre solidão, cigarros e uma coisa na garganta e outra coisa no peito, um escritor escreve.

Completo hoje vinte e cinco anos e agora, que lhe escrevo, tenho os olhos cheios d'água e não me exagero em nada se lhe digo que estou alegre e triste e humano e bom. Mas, especialmente, estou só.

O dia deu de enfeiar de tal feiúra que até “Malagueta, Perus e Bacanaço” sentiram o vento frio e o tempo mudar ao saírem, tristes e machucados do “Paratodos” no Largo Santa Ifigênia e entrarem, acachapados, no velho e sereno Viaduto Santa Ifigênia, de beleza grave e vetusta.

Não, Ilka, não bebi. Estou sóbrio, nítido, há muito que não bebo. Estou lúcido e apenas reduzido à minha solidão. Esta, de que preciso para escrever o quanto devo.

Este é o meu aniversário mais ilhado. Nem no quartel, entre promiscuidade e imundície, eu estive tão solitário. Lá havia movimentos e rumores, eu fanava dentro de uma calça de instrução e de uma gandola. Agora vejo que minha vida anda sem amigos, sem movimentos e sem rumores. E assim, sem livro publicado, sem nome conhecido, sem uma grande profissão, com algum dinheiro e sem amor nenhum entro, lúcido e velho, nos vinte e cinco anos. Se eu dissesse que não tenho água nos olhos mentiria.

Entretanto eu me devo uma porção de coisas e se não escrever também não me pago. E escrever e esta renúncia e esta solidão.

Não posso precisar quando a segunda versão de *Malagueta, Perus e Bacanaço* ficou pronta. Só sei que num dia do primeiro semestre de 1962, dois anos depois de ter iniciado, pela primeira vez, a história dos três malandros, João Antônio apareceu em minha casa com os novos originais, pedindo-me leitura e opinião.

Eu, que tinha ainda muito presente a leitura da primeira versão, tive apenas um reparo: pareceu-me que o final daquela era melhor que o reelaborado. Hoje, passados tantos anos, não saberia

dizer o porquê, mas sei que, naquele momento, muito mais que o meu suposto espírito de análise ou de crítica, falava meu faro literário intuitivo.

E João Antônio, que nunca se declarou modesto, teve a humildade que o caracterizava diante da própria criação: pensou nas observações e, debruçando-se ainda uma vez sobre o conto, refez o final, que, hoje, é este da versão definitiva.

O segundo semestre de 62 inaugurou-se com a recompensa de todos os tempos difíceis, vividos antes e depois do incêndio. E eu tive a grande alegria de compartilhar do entusiasmo de João Antônio, ao ler a cópia do contrato da Civilização Brasileira, datado de 9 de julho, em que Ênio Silveira se declarava disposto a lançar não só *Malagueta, Perus e Bacanaço* como todos os futuros trabalhos do autor, na certeza de, como dizia num dos itens, achar-se “na presença de um genuíno escritor, de alguém que retoma e leva à frente com vigor a linha iniciada por Antônio de Alcântara Machado, Mário de Andrade e, ocasionalmente, Orígenes Lessa.”

O lançamento do livro está programado para o ano seguinte, e aquele João Antônio que tantas vezes ansiara por sair do anonimato começa a viver a experiência assustadora do escritor na iminência de deixar de ser inédito.

*20 de março de 1963*

— *As segundas provas de Malagueta, que também fiz auxiliado pelo ótimo Caio Porfírio estavam tão bonitas, Ilka. E foi tão triste. Eu já me sinto roubado, espoliado, desnudado, desrespeitado, enciumado. O livro já não é mais meu, Ilka. Isto é trágico, indizível. A gente por aí jogado, mostrado, de mão em mão...*

*Afinal, são as coisas mais íntimas.*

*Mas a gente escreve também para os outros e a saída é dar um suspiro e continuar.*



7 de junho de 1963

— Ilka, meu livro é bonito. O que sinto é meio difícil de expressar. O que já senti e aquilo que sinto as primeiras vezes que o vi e folheei, é indescritível.

Faz dois três (...) que Malagueta, Perus e Bacanaço circulam nas principais livrarias paulistanas. O que estou sentindo é algo tremendo.

[...]

Meu lançamento e tarde de autógrafos se realizará na Livraria Teixeira, à rua Marconi número 40, no dia 21 deste junho às 18,000 hs. É uma sexta-feira. Você receberá um convite. Peço, Ilka, que espalhe Malagueta, Perus e Bacanaço. Como livro e como tarde de autógrafos. Você sabe o que penso disto tudo. Mas tenho compromissos com o maior editor do Brasil.

Estive presente naquele histórico 21 de junho de 1965, um tempo em que as tardes de autógrafos ainda não se haviam banalizado e eram sempre um evento significativo, restrito aos lançamentos de grandes escritores.

Numa certa altura da festa, João Antônio me apontou a presença de mulheres estranhas ao meio e que o cercavam, sorrindo com intimidade. Eram elas algumas de suas personagens, prostitutas da Boca do Lixo paulistana, que ele convidara especialmente para a estréia dos seus três vagabundos no mundo das elites intelectuais. E que ele tratava com o mesmo carinho e respeito com que tratava os outros convidados.

O que foi a seqüência desse dia de 63 não há que relatar: sucesso de crítica, prêmios literários, reconhecimento público, uma carreira que se iniciava com firmeza e que abria para aquele que já era considerado um jovem mestre nas letras brasileiras propostas de trabalho em jornais e revistas de prestígio e convites para publicação de futuros livros.

O autor deixava de ser inédito. E a afirmação, vinda de fora, confirmava-lhe a opção vocacional: ele não era um redator, era um

escritor. E a literatura — não a publicidade — deveria ocupar, dali por diante, todo o tempo de vida do artista. Ou seja, o João Antônio recém-editado adquiriria uma nova consciência de si mesmo e começava, naquele momento, uma outra luta feroz: a da profissionalização como escritor.

*19 de julho de 1964*

— Malagueta, Perus e Bacanaço, *com todas as entrevistas a jornais, rádios e televisão, meu livro de estréia não me deu nem trezentos mil cruzeiros... Não posso, absolutamente, fazer nada com esse dinheiro. Com um mês de trabalho publicitário, consigo ganhar mais do que com Malagueta, Perus e Bacanaço no Brasil..*

*Outra coisa, Ilka: não posso continuar matando a minha vocação de escritor assim. Trabalhando como um desesperado em publicidade, às vezes, até durante sábados e domingos. Como fica o escritor? Morto, mortinho. Escrevi Paulinho Perna Torta, minha última produção, à base de heroísmo. Sem tempo e sem condições materiais advindas da tranqüilidade. Foi um sofrimento e hoje, o que ganhei com Paulinho Perna Torta? Alguma experiência artesanal e uns poucos cruzeiros. Ênio Silveira pagou-me pela novela Cr\$ 100.000,00. Os direitos autorais proporcionais só me virão de acordo com o andamento do movimento das vendas.*

*Tenho contos para escrever. Tenho Jordão. Onde que me sobre tempo? E se eu tivesse tempo, agora, teria condições de tranqüilidade, advindas da situação econômica?*

*Um escritor não pode viver assim, Ilka.*

Essa batalha pelo direito de viver em coerência com sua própria vocação acabou afastando João Antônio de São Paulo e levando-o a fixar-se definitivamente no Rio de Janeiro, onde acreditava encontrar maiores possibilidades de realização e um ambiente menos provinciano. Mas essa já é outra história na sua história de vida. E o que me propus resgatar, neste depoimento, foi o João Antônio do morro de Presidente Altino, o dos primeiros anos de

emergência da vocação literária, aquele em quem se estruturava, nítida, a visão pessoal de mundo a que foi fiel pelo resto de seus dias. O João Antônio companheiro de Malagueta, Perus e Bacanaço em suas andanças pela São Paulo dos anos 60. Aquele que, fechado em si mesmo, mas implodindo de amor pela vida e de paixão por suas personagens, se identificava com um bichinho de dura carapaça e tenra fragilidade íntima:

*São Paulo, 25 de março de 1963.*

*Ilka, amiga:*

*O cágado, Ilka.*

*Deu-se ontem e de repente e se eu quisesse imitar Clarice Lispector, diria: era um cágado de domingo.*

*Eu andava nas minhas marchas por aí e como me houvessem esquentado a cabeça com aporrinhações domésticas e rugas profissionais, dinheiro que deveria haver mais, apresentações e cuidados de que não cuidei, eu andava por aí.*

*Acabei, como sempre, pelos subúrbios mais distantes. Lá, Ilka, longe-longe das minhas chateações.*

*Eu andava e subia uma rua das de Vila Ipojuca, que é depois da Lapa, quando de repente... me seguia um cágado. Um cágado me seguia sutil e andarilho, com sua cabecinha de cobra e talvez até tivesse sedes como este aqui. Então, eu o apanhei do chão, sem medo ou nójo daquele réptil quelônio, como mais tarde dir-me-ia o dicionário. Entretanto, aquele instante estava acima dos dicionários e eu apenas o apanhei do chão para fazermos amizade.*

*Tinha um não sei quê de sabedoria e sofrimento e isto me encantou. Imediatamente lhe quis bem e era como se já o tivesse conhecido há muitos anos, antes e depois das lendas de jabutis. Ah, cágado, que passou a ser vivente meu eu vivente dele...*

*No ônibus seguimos indiferentes à curiosidade dos que ignoravam o nosso amor, surgido assim subitamente e definitivo. Porque, Ilka, havia e há entre nós um*

*liame que se prende a coisas tremendamente transcendentais: o calor que sofríamos na subida longa de Vila Ipojuca, aqueles nossos ares de solidão, a chateação comum: a minha de homem, a dele de réptil semiterrestre. Sós e andarilhos, cágado e eu.*

*E o amei e com ele me parti para minha casa. E o amei mais quando lhe passei ração para galinhas e o banhei e lhe admirei a carapaça com seis círculos róseos, simétricos. Um deles, Ilka, meio apagado. Talvez esteja sumindo e talvez esteja nascendo, que nada sei da condição de um cágado.*

*Hoje comprarei uma casa para o meu cágado.*

*Uma meia barrica dessas em que se guarda vinho. Ali ele terá uma vida aquática e bem alimentada. Quando em quando, ele viajará à terra por minhas mãos para que não se esqueça da terra. Mas viverá muito na água, Ilka, onde receberá muita comida para logo se fortalecer.*

*O meu cágado de passo maneiro e torto caminha também com a cabeça, não tem mais de vinte centímetros. Mas há de ser um cágado grande, trinta centímetros, cágado-de-pescoço-de-cobra.*

*Deve ser *Hydromedusa maximiliani*. Assim, Ilka, me ensinou o dicionário.*

*Em casa todos tiveram medo do cágado. Ou quase todos. Mas quiseram dar-lhe um nome. Disseram muitas bobices e a menor foi esta: que eu o batizasse com o imperial nome de Maximiliano.*

*Nada disso. Meu cágado é o cágado. O cágado. Vai nesse nome sofrimento, solidão e anonimato — a mesma dor andante que nos uniu num instante dura lá numa subida de Vila Ipojuca. Afora o que, Maximiliano é nome de imperador e não gosto de imperadores. Sou um homem simples, avesso a grandezas e importâncias. Prefiro criaturas e viventes que se mexam com humildade, que tenham tolerância, humanas e boas como o cágado. Que se alimenta da sua persistência e solidão, que é um bichinho. E ao qual a Vida deu longo tempo de existência e dura carapaça. Além de olbinhos atentos.*

*Sei que ele próprio carrega a sua casa nele mesmo. Tolice querer construir-lhe uma casa aquática ou terrestre. Mas sou um egoísta, gostei dele, quero que fique comigo. Que faça aquêlo silêncio seu de persistência e sabedoria.*

*Eu lhe conto essas coisas, Ilka, da condição de um cágado e da minha condição, porque você é Ilka.*

*Telefonei ao Butantã, tomei conselho com amigos, indaguei, agora sei que meu cágado é um cágado e não é jabuti. Um cágado-de-pescoço-de-cobra.*

*E é, Ilka, como se fosse um filho. Tem dado cada susto...*

*Ilka, é como se fôsse um amor.*

*Um sentimento indefinido me une ao réptil cágado, um querer bem, um querer tomar conta, fazer bem, não deixar faltar nada. Que é que sei.*

*Peço ao Senhor das esferas, não ao Deus fantasiado, esculpido ou rezado das igrejas, mas a um Deus de consciência cósmica, eu peço, Ilka. Só traz um dia... Mas que o cágado não morra antes de mim.*

*Seu amigo*

*João Antônio*